

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

Paul Vecchiali, fazer cinema na diagonal | Paul Vecchiali

27 de Fevereiro de 2025

Train de vies ou les voyages d'Angélique / 2018

um filme de Paul Vecchiali

Realização, Argumento, Música: Paul Vecchiali *Fotografia* (digital, 1:1,78): Philippe Bottiglione *Som:* Patrick Allex, Francis Bonfanti, Erlory Humez *Montagem:* Vicent Commalet *Direcção artística:* Maurice Hug *Guarda-roupa:* Catherine Grone-Achdjian *Canções:* De temps en temps, de Paul Vecchiali, cantada por Ugo Broussot; Ferme tes jolis yeux, de René de Buxeuil, Virgile Thomas, cantada por Simone Tassimot; De gare en gare, de Paul Vecchiali, cantada por Paul Vecchiali *Interpretação:* Astrid Adverbe (Angélique), Paul Vecchiali (Henri Lemoine), Marianne Basler (Clarisse, a amiga), Ugo Broussot (Frédéric); Brigitte Roüan (Isa Lemoine), Pascal Cervo (Olivier Lemoine), Bruno Davézé (Serge), Jean-Philippe Puymartin (Philippe), Simone Tassimot (a mulher de negro).

Produção: Dialectik (França, 2018) *Produtor:* Paul Vecchiali *Coordenação de produção:* Eric Rozier *Cópia:* DCP, cor, falado em francês com legendas electrónicas em português, 76 minutos *Estreia mundial Primeira apresentação em Portugal:* 4 de Maio de 2018, no Indielisboa (secção Silvestre), no cinema Ideal, Lisboa *Estreia em França:* 30 de Maio de 2018 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

com a presença de Ugo Broussot para uma conversa no final da projecção

Angélique, primeira-bailarina retirada das graças do bailado, é uma das últimas protagonistas mulheres de Paul Vecchiali, da cepa das personagens interpretadas em filmes anteriores por Danielle Darrieux, Sonia Saviange, Hélène Surgère, Marianne Basler... assim alinhadas com Astrid Adverbe na filmografia e no coração de Paul Vecchiali. As viagens de Angélique, uma série de viagens ferroviárias em França e no Japão, são o fulcro do filme, são o filme, no último quinteto de filmes de Paul Vecchiali, realizado em dueto com o imediatamente anterior *Les sept déserteurs ou La guerre en vrac* (2017), em que Astrid surge no papel de Natacha, o mesmo nome da sua personagem em *Nuits blanches sur la jetée* (2014) noutra das vezes em que foi dirigida por Vecchiali pós-*Retour à Mayerling* (2011). Na “narrativa de guerra” de *Les sept déserteurs ou La guerre en vrac*, uma verdejante clareira habitada pelas ruínas de uma igreja é o palco do encontro de um grupo de fugitivos, militares e civis dos sexos masculino e feminino, de uma guerra que acontece fora de campo com audível estrondo. No “drama sentimental” de *Train de vies ou les voyages d'Angélique*, a concentração espacial decorre em interiores, em contraponto com os exteriores soalheiros, límpidos do filme precedente, e é também a palavra, são também os actores, a mesma trupe de actores, a nortear o filme, embrenhado em narrativas de vida, sexo, morte. Com canções, três no caso do filme de Angélique.

Assim descrita, é matéria sensível do cinema de Paul Vecchiali dos começos Les Films du Gion (como num Mizoguchi) à Diagonale (seguindo a linha oblíqua) e à Dialectik (no modo do processo de pensamento movente), nomes das companhias de produção nucleares com as quais trilhou o caminho de realizador-produtor-actor dos anos 1960 aos 2020, como saberá quem tenha seguido as retrospectivas Paul Vecchiali na Cinemateca em 2018 e agora em 2025. Este par de filmes (um preceito solidário vindo dos tempos Diagonale, então aliando as visões de dois realizadores) evoca o movimento pendular logo nos títulos compostos por duas preposições ligadas por um “ou”: os sete desertores ou a guerra à-toa de que trata o primeiro filme encontram um reflexo no título que joga com comboio (*train*), vidas (*vies*), a expressão que remete, mas no plural, para modo de vida (*train de vies*), ou as viagens de Angélique. A personagem de Vecchiali dissocia-se do estranho caso da virginal defunta Angélica de Manoel de Oliveira (*O Estranho Caso de Angélica*, 2010) e Astrid Adverbe não é filmada, no interior do comboio, num eixo que lembre Leonor Silveira escutando a história queirosiana que lhe é contada por Ricardo Trêpa nas *Singularidades de Uma Rapariga Loura* (2009). Se bem que os olhos de uma espectadora vislumbrem uma ligação embalada pela cadência do fluxo ferroviário e tenham a memória de como em *Cristóvão Colombo – O Enigma*

(2007), Oliveira filma uma Nova Iorque de época cerrando o quadro dentro de um automóvel ou “contra-picando” a câmara para um céu de nevoeiro.

Este filme de Vecchiali arrisca ser um exemplo supremo da arte de bem filmar com a mais singela falta de meios (águas em que navegou de forma tão enxuta, procurando em décadas de trabalho alimentício na televisão uma possibilidade de vida no cinema, e encontrando saídas numa energia criativa transbordante). *Train de vies ou les voyages d'Angélique* organiza-se a bordo de carruagens de comboio, com viagens e vidas à imagem do trajecto da protagonista numa sucessão de, salvo erro, onze sequências, ou capítulos distintamente nomeados, em cenas de conversa, a maior parte filmadas frontalmente com duas personagens à vez, sentadas lado a lado sob o fundo vermelho, creme ou azul ponteados a verde dos assentos. Em duas (três?) ocasiões há um movimento *zoom* discreto a reenquadrar as personagens dentro dos planos. As conversas podem ser telefónicas e excluírem uma personagem em campo, ou podem decorrer com Angélique momentaneamente fora de campo, podem ser a três, podem integrar a passagem de uma troca de falas com o revisor. O princípio ou final de cada sequência é marcado por *travellings* da paisagem que desfila aos olhos dos passageiros à velocidade do comboio, ocasionalmente pontuando uma sequência mas também mostrando, como no princípio, a meteorologia das nuvens e o plano geral de um comboio em andamento num emaranhado de carris, uma ou outra estação de onde se parte. A travessia das vidas de Angélique implica confidências, encontros com conhecidos e desconhecidos, o beijo com o violinista com quem se casa e depois a deixa viúva. Chama-se Olivier, a delicada personagem de Pascal Cervo com quem Angélique vai em núpcias ao Japão, visitar a sepultura de Mizoguchi em Quioto, de que existe uma prova fotográfica, e uma segunda vez tentando o luto dessa pessoa e daquele amor.

A faculdade da fala dá conta da caracterização das personagens, da liberdade aventureira e sexual de Angélique, da rendição amorosa de Olivier, dos pequenos e grandes dramas de todos, da tragédia, da resistência dos que partem, da resistência dos sobreviventes. A capacidade de lhes captar as emoções floresce num aparente quase nada, planos cerrados de intensidade. E há o lado sentimental que permite perceber o quão confidencial, íntimo é este filme da fase final de Paul Vecchiali, em que estarão vertidas algumas feridas, todos os tipos dos seus amores, a começar possivelmente pelo que o ligava à irmã Sonia Saviange (1923-1987), sua actriz desde *Les roses de la vie* (1962) e actriz da Diagonale até *En haut des marches* (1983), a quem dedica *Un soupçon d'amour* (2020). Outra nota do cinema de Vecchiali, em que a contenção convive com o excesso amoroso, o melodrama, o esplendor das canções, a elevação musical dá-se, em *Train de vies ou les voyages d'Angélique*, em surdina. Das três canções, duas são escritas por Vecchiali – “De Temps en temps” cantada por Ugo Broussot, aqui o advogado cantor, e “De gare en gare”, cantada por ele próprio na sua pele ou na da personagem que aqui também interpreta, Henri, pai de Olivier e marido da Isa de Brigitte Roüan. Simone Tassimot, como a mulher de negro, trauteia a “do meio”, “Ferme tes jolis yeux”, o tema de René Buxeuil e Virgile Thomas que canta a brevidade das horas, a terra do sonho, o tudo das mentiras, a fantasia da felicidade. A melodia encadeia com os créditos finais a correrem sobre carris, um *zoom* até aos olhos de lágrimas de Angélique, o som da viagem a atravessar o ar na mesma panorâmica em que os últimos segundos são têm a voz de Paul Vecchiali, do sentimento e da fragilidade.

A última palavra da canção é a última palavra do filme, *terminus*, fim de linha. Antes de um apito também ele baixinho. Ainda houve *Un soupçon d'amour, Pas... de quartier, Bonjour la langue*. E talvez o mesmo tipo de sinceridade desarmante, talvez não tão desarmado como este desfecho entoadado.

Maria João Madeira

PS: O filme é dedicado a Nicole Courcel, que se estreou no cinema num pequeno papel de *Les amoureux sont seuls au monde* de Henri Decoin (1947) e que Marcel Carné e Jacques Becker foram os primeiros a filmar em 1949, no começo de uma importante filmografia do cinema francês. Nicole Courcel (1931-2016) foi actriz de Vecchiali em *Les ruses du diable* (1966) e *L'Étrangleur* (1970).